

## MINIBIOGRAFIA

O Professor **Humberto Kzure** tem formação em arquitetura, urbanismo, teatro, fotografia e cinema, com mestrado e doutorado na área de urbanismo e estudos culturais pelo **PROURB/FAU/UFRJ**, tendo realizado um doutorado sanduíche na **BAUHAUS** Universität Weimar, na Alemanha. Também possui pós-doutorado pelas universidades do **Porto** (Portugal), **La Rochelle** (França) e a **Técnica de Viena** (Áustria). Leciona na **UFRRJ** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro as disciplinas Urbanismo, Habitação de Interesse Social e Planejamento Urbano e Regional. Detém vários prêmios em arquitetura e urbanismo (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, entre outros). Já expôs nas **Bienais de Arquitetura e Design de São Paulo, de Lima e Veneza**. Foi homenageado com a distinção “**Rua do Arquiteto**”, no bairro carioca do Recreio dos Bandeirantes, por seu primeiro projeto **Favela-Bairro** no Terreirão/Canal das Tachas. Entre os filmes que produziu e dirigiu, destacam-se os documentários “**Areia**” (curta-metragem), “**Revertere Ad Locum Tuum**” (mídia-metragem – com Katarzina Mich) e “**A Cidade de Portas**” (longa-metragem – com Teresa Prata). Recentemente, fez uma Residência Artística no Centre Intermondes La Rochelle, na França, onde realizou a obra **AŞIKIRI – Départs Forcés** (Deslocamentos Forçados).

## DESCRIÇÃO A INSTALAÇÃO ARTÍSTICA

**O Couro da Terra** – instalação artística ainda inédita, propõe mais uma reflexão sobre os destinos do planeta, em face da ganância e da insensatez humana. No mundo globalizado, da espetacularização e do consumismo exacerbado, a Terra é frequentemente violentada, saqueada e vilipendiada. Neste caso, uma manifestação artística e cultural tem o dever de se posicionar no campo político, até para se contrapor ao *status quo* e às constantes formas de subjugação de corpos e lugares. A Terra que é explorada até o ‘couro’. A Terra sangra, seus mares, rios e lagoas choram e seu ar emudece diante dos alçózes que ela mesma pariu. Como alerta Ailton Krenak, líder indígena ambientalista, “a comunhão com a Terra e com os ritmos da natureza nos darão potência... Essa sociedade de consumo em que vivemos só considera o ser humano útil quando está produzindo, mas nós não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã”. Por isso, temos que freiar o massacre da Terra. A arte é, sobretudo, um grito em defesa da vida.

**OBS:** A execução deste trabalho irá contar com a participação de alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo – Anna Correa (nº de matrícula 20190071627) e Mayckon Vieira Vares (nº de matrícula 2016250222).